

**MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA**

**CLASSE DE LETRAS**

---

**A ressurreição de Amália**

FERNANDO DACOSTA

---



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA**

LISBOA • 2025

*Título:* A ressurreição de Amália

*Edição:* Academia das Ciências de Lisboa

*Data de edição:* 2025

*DOI:* <https://doi.org/10.58164/bcep-vd38>

# A ressurreição de Amália

FERNANDO DACOSTA

“Se eu não me compreendo”, perguntava Amália, “como podem os outros dizer que me compreendem?”

Os que são tocados pelo absoluto, como ela, tornam-se pela sua complexidade indefiníveis. O que os faz imbiografáveis porque não cabem em datas, acontecimentos, convenções, famílias, proles, capelas, rótulos, hipotecas, hierarquias, ideologias.

Cumpliciá-la exigia mais do que objectividade, subjectividade; mais do que sentenciamento, pressentimento; mais do que dedução, emoção.

O seu olhar exprimia o que a sua palavra omitia — o que não dá para biografias. Cedo, aliás, ela desistiu de corrigir inverdades, maldades sobre si. As esfinges desocultam-se para melhor se ocultar.

“O que vai ficar de mim é a lenda, não a realidade, até porque eu não digo, por norma, o que penso pois os outros não o compreenderiam. A solidão interior é um dos meus terrores”, confidenciara.

Amália Rodrigues não pode ser reduzida a uma fadista, era mais do que isso, era a cantora de um fado que ela recriou, fazendo-o expressão identitária, universalizante do seu povo. Para muitos foi a maior voz do mundo no século XX.

Das pessoas mais inteligentes do seu tempo tinha na liberdade — na independência, na exigência, no carisma, na diplomacia, na lucidez — bússolas de afirmação.

Requintadíssima no gosto, no convívio, nas subtilezas, nas ironias, admitia-se, simultaneamente, progressista (na defesa dos temas fracturantes) e conservadora (na conservação da sardinha, não da lata), gostando de buscar, aos surrealistas, uma frase jámais esquecida: se queres caminhar para o futuro tens de atravessar o passado.

Havia em Amália Rodrigues dimensões de religiosidades cósmicas, pagãs, heterodoxas, contraditórias. O seu dito catolicismo era mais ficcionado do que real já que nenhum culto a apaziguava.

Forças estranhas, quase inumanas, elevavam-na, em certos cânticos, a alturas abissais, vórtices que a desmesuravam, desmesurando-nos. Daí a sua urgência

de concreto, de terra, de flores, de banalidades, de quietudes. Pressentia, como Natália Correia, o ressurgimento de tragédias, num tempo em que quase todos as decretavam controladas.

Numa primeira fase Amália não sabia que sabia; numa segunda, sabia que sabia; numa terceira sabia que os outros não sabiam que ela sabia. Isso provocou-lhe uma solidão intelectual tremenda, dilatada por uma inquietação atroz que a condicionou toda a vida — e lhe deu a genialidade transportada.

Atraía homens e mulheres de todas as idades, condições, culturas, geografias, línguas, comportamentos, religiões, orientações — daí o ardor com que os jovens a seguem, a ênfase com que os inquietos a veneram.

“Camões deu-nos a língua, Pessoa o pensamento, Amália a voz”, sintetizará Natália Correia que a considerava, com autores como David Mourão-Ferreira, Miguel Torga, Pedro Homem de Melo, Melo e Castro, uma das relevantes poetas de então.

O fenómeno a que eu chamo de *ressurreição de Amália*, começado antes de 2020, deve-se ao nosso amor por ela, sim, mas também, mas sobretudo, ao trabalho excepcional de pesquisa, recuperação, ordenamento, edição de inéditos seus feitos por Frederico Santiago que os buscou nos arquivos da editora Valentim de Carvalho — e que nos dá a honra de participar nesta sessão.

Tal património, ainda em divulgação, tal a sua riqueza e diversidade, trás-nos uma nova, uma apaixonante Amália, uma Amália sucessora de Amália, única, intocável. Amália que se desgostava a ouvir cantarem-lhe o reportório — sem sequer lhe pedirem licença. “Deu-me muito trabalho a arranjá-lo, li imensos poetas para o conseguir”, desabafava-me, “acho estranho que os novos não o façam também, não percebiam sequer que a nossa poesia é de altíssima qualidade”.

O que eu afirmo, e escrevo sobre ela, *não é*, basicamente, retirado de outros, livros, entrevistas, blogs, críticas, etc., mas recordado de convívios profissionais, primeiro, apaixonados depois, durante 30 anos. Convívios geralmente tidos fora da sua casa, da sua corte, da sua condição de castelã caprichosa, tidos em espaços, em circunstâncias de desarmante confessionalidade.

Havia uma Amália para cada pessoa, daí o que eu sei dela pouco coincide com o que os outros sabem. O que interessa, porém, não é tanto a realidade da sua vida mas o mito da sua intemporalidade — construído ora inconscientemente, ora conscientemente por si.

Mito (ícone) assente em cinco pilares sustentadores da sua prodigiosa harmonia: o da voz (sublime, etérea), o do fado (único no mundo), o do carisma (irresistível na afirmação), o do vestuário (paramentos de deusa), o dos poemas (Camões como abóboda), o da independência (altivez em liberdade).

Tudo começou cedo para si, pobreza, casas de fados, xailes convencionais, letras chãs, proximidades de público, sucesso, dinheiro, influência, inveja, insatisfação.

“Depressa descobri”, contar-me-á, “que o fado podia ser uma espécie de ópera em miniatura, encenado em espaços diferentes, com outras roupas, outros poemas, outros acompanhamentos, outros espectadores. A sua expressão musical, sem paralelo, era uma mais valia. Foi essa dimensão que tentei dar-lhe”.

Deu-lha, elevando-o pela postura (etérea) do corpo e pela palavra (superior) que lhe imprimiu — elevando-o a *alturas de incenso*.

“Sem mim o fado, provavelmente, já não existiria”, dirá pouco antes de morrer.

O seu talento permitia-lhe cantar o que quisesse, o seu estatuto permitia-lhe pensar o que conviesse. Foi das pessoas mais livres que houve em Portugal no seu tempo. Polícias políticas vigiavam-na (PIDE, KJB, CIA, MOSSAD, etc.), intrigadas por ser adorada em todo o mundo, capitalista e comunista, árabe e israelita, democrático e totalitário, ser adorada por terroristas, racistas, colonialistas, por defensores de géneros, de autonomias, de minorias, por multidões sem voz, sem liberdade, sem chão.

Combatentes palestinianos anularam, certa vez, um atentado em Beirute porque ela cantava lá e eles, seus admiradores, quiseram ouvi-la. “Amália gostava de Salazar mas não era salazarista, como eu gosto de Cunhal e não sou cunhalista”, observava, perspicaz, Natália Correia.

David Mourão-Ferreira dirá, a partir de Pessoa, que ela “é um heterónimo de Portugal”; e Lagoa Henriques, também a partir de Pessoa, afirmará, “a minha Pátria está na voz de Amália”.

Para muitos de nós, eu incluído, está

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 13 DE OUTUBRO DE 2020

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 5 DE MAIO DE 2022

\* A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.